



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

CALINE DANTAS DA SILVA AZEVEDO

**A SUBJUGAÇÃO DO CORPO FEMININO NO CONTO “MODO DE APANHAR
PÁSSAROS À MÃO”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

**CAMPINA GRANDE
2018**

CALINE DANTAS DA SILVA AZEVEDO

**A SUBJUGAÇÃO DO CORPO FEMININO NO CONTO “MODO DE APANHAR
PÁSSAROS À MÃO”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kalina Naro
Guimarães.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994s Azevedo, Caline Dantas da Silva.
A subjugação do corpo feminino no conto " modo de apanhar pássaros à mão", de Maria Valéria Rezende [manuscrito] ; / Caline Dantas da Silva Azevedo. - 2018.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Representação de gênero. 2. Violência. 3. Conto Contemporâneo. 4. Maria Valéria Rezende.
21. ed. CDD 401.41

CALINE DANTAS DA SILVA AZEVEDO

A SUBJUGAÇÃO DO CORPO FEMININO NO CONTO “MODO DE APANHAR
PÁSSAROS À MÃO”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Letras –
Língua Portuguesa da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito à obtenção do grau
de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em: 07/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Kalina Naro Guimarães
Prof. Dr.^a Kalina Naro Guimarães (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Prof. Dr.^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Etiene Mendes Rodrigues
Prof. Ms.^a Etiene Mendes Rodrigues
Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Ao meu esposo, Leandro Azevedo (com quem amo
partilhar a vida), por todo o amor que o tenho,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Abraão, pelo dom da vida e da sabedoria que me concede, e a Jesus Cristo, Nosso Senhor, juntamente Nossa Senhora das Graças, pelas graças abundantes derramadas na minha vida.

À minha querida professora, *Dr^a Kalina Naro Guimarães*, minha mentora, por todo sentimento de educadora que transmitiu, desde as primeiras aulas na disciplina de Estágio Supervisionado, pela orientação do meu primeiro artigo científico e pelas leituras significativas ao longo da orientação. Pelo compromisso e respeito para comigo e pela confiança conferida a mim.

Ao meu pai, *Antônio Gomes da Silva (IN MEMORIAN)*, por todas as reclamações para que eu nunca faltasse às aulas, e por todos os incentivos nos estudos, assim como, pelo amor incondicional.

À minha mãe, *Maria Célia Soares Dantas*, que me ensinou as primeiras letras, os primeiros números e por todo carinho, compreensão e apoio.

Ao meu esposo, *Leandro Azevedo*, amor da minha vida, pela compreensão durante a minha ausência enquanto estive ocupada nas atividades acadêmicas, pelo apoio e ajuda nos momentos mais críticos desta árdua caminhada rumo à graduação e por todo amor que me oferece. Sem o seu apoio este trabalho não teria sido concretizado.

À minha tia, Professora Mestre *Daiane Lourene Soares Dantas*, inspiração de vida e que tanto amo e admiro; por todo incentivo nos estudos e por ser o maior exemplo na família em relação aos estudos.

Aos meus irmãos, *Kleber Joalison e Scheila Helen*, pelo amor, carinho, ajuda e por compreenderem minha ausência no seio familiar.

Aos meus avôs maternos, meus tios e, em especial, minha segunda mãe, tia *Cristina*, por quem estimo um carinho muito grande, além de meus primos, por nunca me deixar faltar carinho e apoio.

Ao meu avô paterno, meus tios e primos, por todo afeto. Aos meus sogros e meu cunhado, por toda a afeição e companheirismo.

Aos demais professores do Curso de Letras - Língua portuguesa da UEPB, e, em especial, a professora *Dr^a. Ana Lúcia Maria de Souza Neves* e o professor *Dr. Diógenes André Vieira Maciel*, que contribuíram significativamente para minhas experiências com a prática docente e me fizeram perceber o quão a Literatura pode contribuir para construção de cidadãos críticos e reflexivos.

Aos meus colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio, em especial à *Iolanda Albuquerque*, pelo seu apoio incondicional e por ser uma grande conselheira nesta Universidade. Também a *Flávia Roberta, Marcilane, Gabryella, Érica e Flávia Sampaio*, pelos momentos de estudos produtivos, críticos e conscientes, os quais nos possibilitaram crescimentos, por nossa amizade sincera, agradeço. Incluo também, *Genilson Medeiros e Jean Rodrigues*, que proporcionaram conversas significativas.

“Conto é o desafio de em poucas páginas tramar e desenrolar uma história, não deixar ponto sem nó” (Maria Valéria Rezende)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	GÊNERO E SUA TRAJETÓRIA.....	11
3	GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.....	14
4	A OBSESSÃO MASCULINA EM ‘APANHAR’ A MULHER DESEJADA.....	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6	REFERÊNCIA.....	29
7	ANEXO A – CONTO MODO DE APANHAR PÁSSAROS À MÃO	31

A SUBJUGAÇÃO DO CORPO FEMININO NO CONTO “MODO DE APANHAR PÁSSAROS À MÃO”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Caline Dantas da Silva Azevedo ¹

RESUMO

Nas últimas décadas, as mulheres vêm conquistando independência e lugares importantes em espaços públicos. Contudo, apesar de alguns avanços, a igualdade de gênero ainda está distante no horizonte de nossa sociedade, marcada profundamente pela misoginia e pela violência simbólica e física contra as mulheres. A literatura é um dos espaços nos quais as relações de gênero são representadas e discutidas de modo crítico. A partir do conceito de gênero (CONNELL & PEARSE, 2015; SCOTT, 1995; BEAUVOIR, 1970), de discussões sobre mulher, feminismo e literatura (ZINANI & SANTOS, 2015; DESPENTES, 2016; PRIORE, 2015, SILVA, 2010-2015; XAVIER, 1991; 1998), do conceito de dominação masculina (BOURDIEU, 2002), bem como do debate em torno da masculinidade (NOLASCO, 1993), este trabalho pretende analisar o discurso narrativo em um conto da literatura brasileira de autoria feminina, a saber: “Modo de Apanhar Pássaros à Mão”, de Maria Valéria Rezende (2006), enfocando a maneira como ele apresenta sua relação com a personagem Íbis, uma modelo vítima do desejo obsessivo do narrador, seu fotógrafo. Conclui por apresentar a subjugação de Íbis através da obsessão do fotógrafo que impõe pressupostos e estereótipos, culminando no estupro.

Palavras-chave: Representação de gênero. Violência. Conto Contemporâneo. Maria Valéria Rezende.

INTRODUÇÃO

Sabemos que na história das sociedades de caráter falocêntrica² muitas mulheres almejavam conseguir seus espaços. Aos poucos, tais espaços foram sendo conquistados e, nesse contexto, movimentos sociais, em especial o Feminismo, cujo intuito era denunciar as desigualdades sociais entre os sexos e lutar por igualdade, deram contribuições significativas. No entanto, apesar dos avanços, as diferenças materiais e simbólicas baseadas no sexo ainda persistem em nossa sociedade, pois os representantes políticos, assim como toda a sociedade,

¹ Aluna da Graduação do Curso de Letras - Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: calinesilva63@gmail.com.

² Bourdieu (2010,33) compreende sociedades falocêntricas em uma “visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais masculino e feminino, pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, de ponto de honra (nif) caracteristicamente masculino; e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. Longe de as necessidades da reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão social do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e social, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos”.

não conseguiram superar o modelo hegemônico de mulher pelo qual é rotulado o ser feminino para ser mãe, dona-de-casa e esposa dedicada. Por este ângulo, as mulheres, sejam as que se enquadram no contexto da relação conjugal e familiar, sejam as que recusam esses lugares e buscam sua própria independência, continuam sendo vítimas da misoginia, da violência simbólica e física.

Questões como estas têm sido comuns em diversas teias discursivas, principalmente na literatura, uma vez que esta mobiliza a representação da mulher de modo crítico e reflexivo. Dessa forma, a literatura pode ser compreendida como uma expressão estética que problematiza ideologias diversas, conduzindo leitores a refletirem sobre aspectos sociais e sobre seu ser e estar no mundo. Dessa maneira, “as literaturas, por serem escritas de sujeitos que filtram aspectos socioculturais e os reelaboram, a sua maneira, com determinado objetivo, têm trazido para as obras configurações ou representações de sujeitos” (SILVA, 2015 p, 56).

Em vista disso, destacamos produções escritas de autoria feminina que apresentam contribuições para a discussão das representações de gênero e violência contra as mulheres. As escritas femininas são atravessadas por ideologias que evocam a redefinição da mulher, desconstruindo o binarismo do que é ser homem/ mulher, superior/ inferior, para reivindicar liberdade e igualdade de gênero. É por esta razão que a estudiosa Elódia Xavier (1991, p.14) defende que o discurso feminino presente na literatura feminina faz “anular a uniformidade do discurso do poder e de modificar as relações sociais”. Assim, as ficções literárias de autoria feminina apresentam em seu conjunto temáticas que contribuem para as discussões de gênero, bem como para questionar os preconceitos que as mulheres enfrentam em uma sociedade patriarcal.

Apesar da efervescência atual da temática de cunho de gênero, devido à relevância no âmbito social, cultural e político, as obras de autoria feminina têm pouco espaço na produção literária brasileira. Marcadas por uma política de silenciamento imposta pela ordem vigente, tem sido comum a ausência e a invisibilidade dessas escritas, tendo em vista que os autores ainda gozam de privilégios em pleno século XXI. Para Dalcastagnè (2007), nos últimos quinze anos, as autoras não chegaram a 30% do total de escritores no Brasil. Esses dados também se refletem na sub-representação das mulheres como personagens em nossa ficção. Isto mostra que as mulheres têm menos acesso à “voz”, já que elas pouco narram ou são protagonistas das histórias. Assim, por serem minoritárias, suas escritas permanecem, em grande parte, ignoradas nos espaços acadêmicos e de crítica literária, sem o necessário contato

com o leitor. Tomemos como exemplo os renomados prêmios literários brasileiros, é possível notarmos que na nova fornada literária, as indicações e reconhecimentos de escritas femininas são minorias em relação às indicações de escritas masculinas.

Durante muito tempo a ficção de autoria feminina foi considerada uma literatura açucarada, já que o sentimentalismo predominava. No entanto, é curioso pensar sobre quais assuntos poderiam discorrer as mulheres, uma vez que seus espaços limitavam-se apenas ao privado e ao doméstico. Impossibilitadas de estarem em espaços públicos, se encontravam distantes dos grandes acontecimentos que oportunizavam experiências coletivas. Além disso, eram privadas de manifestar seus desejos, sufocando reações, reprimindo e censurando suas atitudes perante a Ordem falocêntrica patriarcal. (SILVA, 2010, p. 35).

Assim sendo, podemos concluir que as produções femininas destacavam em temáticas de cunho confessional, intimista e emocional, na maioria das vezes, em formato de diário, uma vez que eram excluídas dos temas que transitavam na sociedade e impedidas de exercerem ou frequentarem espaços públicos e terem acesso à educação superior.

Contudo, estas produções femininas serviram de marco para introduzirem as mulheres brasileiras na carreira das letras. Apesar das restrições, paulatinamente, as mulheres foram conquistando seus espaços na escrita, resistindo às críticas preconcebidas “do que os outros vão dizer” e travando uma difícil luta por seus direitos, desde Nísia Floresta³. No entanto, as modificações ocorreram de forma lenta, só com o advento dos movimentos feministas e as conquistas por alguns direitos que foi possível uma maior representação e visibilidade das produções femininas.

Atualmente, percebemos que as obras de autoria feminina não se resumem mais às escritas de cunho confessional ou “cadernos de goiabadas”⁴. Somos atraídos a uma amplitude de temáticas que circundam as escritas femininas, cujas narrativas se constroem desde a mulher negra e pobre, que é vítima do preconceito racial, da violência e das injustiças sociais, à ascensão da mulher que trabalha, estuda e não necessita do outro para obter sua

³ Nísia Floresta foi uma republicana e abolicionista do século XIX, que escrevia em jornais no Rio de Janeiro, mas suas ideias provocavam polêmicas. Inspirada na escritora Mary Wollstonecraft (1759-1797) publica o livro *Direitos das Mulheres e Injustiças dos homens* (1839) para reivindicar igualdade e educação para as mulheres, bem como, enfrentar os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira. (TELLES, 2015, p. 404- 406).

⁴ Esse termo “cadernos de goiabada” é denominado pela escritora contemporânea Lygia Fagundes Telles. Se “refere aos cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e estados de alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo”. (TELLES, 2015, p. 408).

independência. No entanto, apesar de algumas mulheres terem ascendido na sociedade, ainda são vítimas dos mais diversos tipos de preconceitos, vigiadas pelos homens que querem controlar o que convém ou não a elas, mas, sobretudo, por outras mulheres que carregam um discurso arraigado do dominante. Este contexto dominador, no qual as mulheres são vítimas de políticas controladoras e alvos de estereótipos negativos que geram atitudes machistas e misóginas, corrobora com aquilo que Pierre Bourdieu (2002) descreve como dominação masculina.

Essa problemática social é reentrante no campo da literatura. Há várias obras que fazem alusão aos comportamentos patriarcais e tradicionais da sociedade brasileira, problematizando opressões que vão desde controle do imaginário sobre a mulher até agressões físicas, entre as quais o estupro. Sobre este último tema, citamos o conto *Modo de apanhar pássaros à mão*, presente na coletânea de contos homônima, de Maria Valéria Rezende (2006).

Radicada na Paraíba desde 1976, essa autora tem publicado títulos em gêneros diversos, como: contos, romances à literatura infantil e juvenil e poemas. No livro em questão, observamos o desvelamento de realidades de modo a emocionar, seduzir e impactar os leitores, tendo em vista os enredos e as personagens que trazem à tona a violência, opressão e discriminação. Os contos conduzem os leitores para universos profundamente humanos, em que os marginalizados enfrentam dificuldades e são vítimas de posturas autoritárias e preconceituosas, atributos inerentes a uma sociedade patriarcal.

Neste artigo, analisamos o discurso narrativo do conto *Modo de apanhar pássaros à mão*, enfocando a maneira como ele apresenta sua relação com a personagem Íbis, uma modelo vítima do desejo obsessivo do narrador, seu fotógrafo. Em nossa discussão, observamos como a violência sexual sofrida pela personagem feminina esta veiculada às questões de gênero, que a narrativa recria.

Nessa esteira, alguns questionamentos a respeito do conto em questão são importantes:

- 1) O que faz com que o fotógrafo adote posturas de poder e posse, subjugando o corpo de Íbis para seus desejos e suas fantasias sexuais?
- 2) que representações são construídas sobre Íbis, lembrando de que a voz que fala no texto é a do agressor?
- 3) Que reflexões, a partir do conto analisado, podemos trazer para a compreensão da escrita feminina na contemporaneidade e da necessidade de uma sociedade mais justa e igualitária para homens e mulheres?

Para responder às questões propostas, conduziremos nossas análises a partir do conceito de gênero (CONNELL & PEARSE, 2015; SCOTT, 1995; BEAUVOIR, 1970), de discussões sobre mulher, feminismo e literatura (ZINANI & SANTOS, 2015; DESPENTES, 2016; PRIORE, 2015, SILVA, 2010-2015; XAVIER, 1991; 1998), do conceito de dominação masculina (BOURDIEU, 2002), bem como do debate em torno da masculinidade (NOLASCO, 1993).

2. Gênero e sua trajetória

Atualmente, inúmeros discursos que pregam a igualdade de gênero e os direitos das mulheres têm se tornado uma pauta relevante nas mídias, na política e na sociedade em geral. Contudo, é notável perceber a dissimetria que os papéis e os poderes atribuídos a homens e mulheres assumem em todas as esferas da nossa sociedade. A cultura falocêntrica transita e integra inúmeros contextos sociais, criando, assim, expectativas culturalmente estereotipadas para homens e mulheres. Assim, pode-se afirmar que a inferiorização feminina foi culturalmente construída ao longo dos séculos em quase todas as civilizações humanas, conforme Beauvoir (1970). Mesmo em pleno século XXI podemos constatar que a desigualdade de gênero⁵ ainda é fortemente perceptível, tendo em vista que os modelos patriarcais de sociedade ainda molduram profundamente nossa sociedade. Desse modo, o papel da mulher ainda é reduzido a estereótipos tais como: casamento, trabalhos domésticos e, principalmente, submissão ao homem.

Considerando essa percepção sobre a desigualdade e inferiorização feminina ao longo da história, o texto intitulado Gênero: uma categoria útil de análise histórica, de Joan Scott (1995), nos apresenta como, no esboço do contexto histórico, ideologias sociais molduraram adequações aos papéis dos homens e das mulheres.

Em consonância com estas reflexões, Pierre Bourdieu (2002) preconiza que a oposição entre o masculino e o feminino, definindo papéis rígidos para cada um, tenta apresentar-se como dado naturalizado. Desse modo, são inúmeras as ações que contribuem para a ampliação de discursos e representações que apresentam a desigualdade social e cultural de maneira essencializada, já que “a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas,

⁵ Compreendemos que a desigualdade gênero privilegia o homem e confere desvantagem às mulheres. Em concordância com isto, Connell e Pearse (2015, p. 33) alegam que “as mulheres têm menos chances de serem encontradas na esfera pública do que os homens, e quando são, têm menos recursos à disposição. Em quase todas as partes do mundo, é mais provável que os homens tenham empregos remunerados. As mediações comuns da economia, baseadas nas práticas dos homens, excluem o trabalho doméstico não remunerado realizado pelas mulheres”.

como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”). (BOURDIEU, 2002, p. 17)

Diante deste pensamento que entende o gênero como diferenças naturais, Connell e Pearse (2015, p. 91) afirmam que:

Força física e velocidade (homens são fortes e mais velozes), habilidades físicas (homens têm habilidades mecânicas e mulheres são boas em tarefas trabalhosas), desejo sexual (homens têm mais libido), interesses recreativos (homens gostam de esportes e mulheres fazem fofoca), caráter (homens são agressivos e mulheres são cuidadosas), intelecto (homens são racionais e mulheres têm intuição), e assim por diante. Acredita-se amplamente que essas diferenças sejam grandes e “naturais”.

A partir da explanação dos autores citados, entendemos que a conjecturada “superioridade” dos homens em relação às mulheres deixaram marcas e consequências que são percebidas, não somente em séculos anteriores, mas nas construções sociais e culturais da atualidade. Embora as mulheres do século XXI rejeitem os títulos de recatada e do lar, nosso modelo judaico-cristão, capitalista, elitista e burguês de sociedade impõe políticas que controlam os comportamentos e corpos femininos tornando-as, desse modo, vítimas de pressupostos e estereótipos que as “moldam” conforme os convém.

Efetivamente, o homem sempre esteve em uma instância superior de poder em comparação à mulher, tornando-se, assim, o sexo dominante. Esse atributo conferido ao homem ainda é visto de maneira natural, contra o qual ninguém pode insurgir-se. De fato, Bourdieu (2002, p. 46) afirma que “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”. Assim sendo, os homens são naturalmente seres racionais, cabendo-lhes papéis no espaço público e administrativos, enquanto que às mulheres, por serem sensíveis e frágeis, limitam-se às atividades de servir e cuidar do lar e da prole. É o que podemos observar no pensamento que se segue:

As mulheres são cuidadosas, influenciáveis, comunicativas, emocionais, intuitivas e sexualmente leais; os homens, agressivos inflexíveis, taciturno, racionais, analíticos e promíscuos. Essas ideias têm sido amplamente difundidas nas culturas de origem europeia desde o século XIX, quando a crença de que as mulheres têm o intelecto mais fraco e menos capacidade decisória do que os homens. (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 101-102)

Além disso, vale ressaltar que boa parte do trabalho realizado por mulheres não é remunerado, como é o caso das tarefas domésticas, associadas culturalmente às mulheres que devem cozinhar, passar, lavar e cuidar da casa e família. Nessa vertente de trabalho

remunerado que separa homens e mulheres, Connell & Pearse (2015, p. 33) destacam que “em quase todas as partes do mundo, é mais provável que os homens tenham empregos remunerados. As mediações comuns da economia, baseadas nas práticas dos homens, excluem o trabalho doméstico não remunerado realizado pelas mulheres”.

Nesse sentido, as atividades sociais são atribuídas de acordo com a oposição dos sexos, isto é, o masculino se dedica ao espaço público e ao feminino é reservado o espaço privado. Por este viés, Simone Beauvoir (1970, p. 14) ratifica que “a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições”.

Nessa perspectiva, percebemos o quanto as mulheres são vítimas de um sistema que se legitimou por estereótipos que as oprimem, desprestigiam seus sonhos, carreiras profissionais e suas capacidades decisórias. Quanto a este último, o entendimento disseminado de que a mulher tem “menos capacidade decisória”, sucedeu, segundo Beauvoir (1970, p.103), na ideologia de que a mulher “faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido”. Isso possibilitou à mulher, em toda sua trajetória, “aceitar” de forma, relativamente, passiva os percalços provenientes de uma sociedade machista e controladora que acredita que deve dominá-la. Assim, pertencer ao sexo feminino, nos confirma Silva (2014, p.32),

Tem sido motivo para que as mulheres sejam discriminadas e oprimidas. Os papéis sociais são construídos a partir da definição de uma identidade masculina e feminina que valoriza o homem e desvaloriza a mulher. Esta situação justifica uma desigualdade entre homens e mulheres, tornando-a invisível, como se as diferenças fossem naturais.

Para compreendermos o poder exercido pelos homens na organização e na gerência do mundo, constatamos que a dominação masculina se constituiu em meio às construções sociais e culturais que se enraizaram em quase todas as comunidades, de modo a fazer com que “a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho”. (BOURDIEU, 2002, p. 20). Portanto, as concepções sociais e culturais constroem o corpo como realidade sexuada natural e hierarquizada, atribuindo-lhe sentidos, valores, práticas e papéis diferentes, conforme o sexo biológico.

Portanto, fica evidente que a sociedade legitimou certa ideia de feminilidade, certa maneira de “ser mulher”, por vezes bastante estereotipada. Deste modo, para se adequar ao ideal feminino, e assim gozar de certa condescendência social, a mulher deverá obedecer às políticas de controle dos corpos, com o fim de construir uma identidade de gênero esperada e normatizada pelos diversos discursos em torno do corpo e do ser feminino, sejam estes do campo da medicina, psicologia, educação, etc. Além disso, ela deverá vestir-se adequadamente e comportar-se de forma elegante, pois “os sentimentos relacionados com as diferentes partes do corpo, com as costas a serem mantidas retas, com as pernas que não devem ser afastadas etc. e tantas outras posturas que estão carregadas de uma significação moral (sentar de pernas abertas é vulgar)” (BOURDIEU, 2002, p. 39). Por este ponto de vista, percebemos o quanto as mulheres são limitadas a práticas que não só dissimulam o corpo como também o enquadram naturalmente em uma ordem vigente de poder e controle imposto por seu oposto, ou seja, um homem.

3. Gênero e violência contra as mulheres

Na aurora do século XXI, é inegável a premência de grupos feministas em lutarem por seus direitos e resistirem aos confrontos de grupos que se utilizam de justificativas biológicas e teológicas para estabelecer as desigualdades entre gêneros. Contudo, ainda está profundamente enraizada em nossa sociedade a misoginia, razão da violência simbólica e física contra as mulheres. É ato corriqueiro, por exemplo, um homem controlar ou espancar uma mulher, ainda que tais ações não sejam mais tão protegidas pela sociedade, como o eram num passado recente. Tais posturas relacionadas ao dominante produziram nas mulheres a opressão e a discriminação. Por esta razão, a sociedade impede que as mulheres, na maioria das vezes, se tornem independentes quanto às suas escolhas, restringindo-as ao que espera o sistema vigente, mantendo, portanto, o *status quo* do gênero.

Quando as mulheres recusam a cultura que as moldam e buscam sua independência, assumindo-se feministas, elas tornam-se alvos de discriminação, que podem levá-las a um ciclo de violência e exclusão por parte da sociedade e por seus companheiros. Nesse último caso, são alarmantes os relatos e noticiários em que as mulheres são vítimas de humilhações, desrespeito e até agressões físicas, fatais ou não.

No Brasil, mesmo a Lei Maria da Penha⁶, sancionada em 2006, que propõe estratégias sobre os direitos e liberdade das mulheres, não lhes garante total segurança, pois são inúmeros os casos de violência contra a mulher, seja física ou verbal, praticados por (ex) companheiros que não se sentem agrados ou não aceitam o término de um relacionamento. Nesse sentido, percebemos que o país ainda não consegue assegurar o direito de liberdade às mulheres que são vítimas de gestos hostis por seus companheiros.

O vocábulo ‘violência’ se origina da palavra latina *vis*, que significa força, noções de constrangimentos e o uso da superioridade física sobre o outro. Contudo, a violência apresenta-se sob várias classificações como é o caso da violência doméstica. Desta forma, Connell & Pearse (2015, p. 34-35) afirmam que:

A maioria das mulheres do mundo, especialmente as que têm filhos, é economicamente dependente dos homens. Alguns homens acreditam que as mulheres que dependem deles são sua propriedade. Esse é um cenário comum da violência doméstica: quando as mulheres dependentes não aceitam as exigências de seus maridos ou namorados, são surradas.

Circunstâncias como estas apresentadas pelas autoras ressoam na sociedade contemporânea. Apesar de algumas sociedades já empreenderem discursos que levam à visibilidade das mulheres e à igualdade de gênero, fica evidente, contudo, a coexistência de pensamentos retrógrados, de modo a silenciar ou negar a violência sofrida pelas mulheres, que, quando denunciam, são, muitas vezes, desrespeitadas pelos próprios órgãos que deveriam protegê-las, tendo em vista que o machismo é estrutural, ou seja, constitui e atravessa todas as instâncias da cultura e da sociedade.

Pierre Bourdieu (2002) aborda a violência em uma perspectiva simbólica, ou seja, “doce e quase sempre invisível” (p. 47). Assim, a violência simbólica é entendida em uma relação de poder psicológico, que o dominante exerce sobre o dominado. Nas palavras do Bourdieu:

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, de reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (2002, p. 07)

Deste modo, não existirão mudanças enquanto a sociedade propagar pensamentos à maneira de Aristóteles (*apud* BEAUVOIR, 1970, p. 10): "A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades"; "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de

⁶ Trata-se da Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006.

certa deficiência natural". Dessa forma, parece-nos necessário, antes de tudo, que a sociedade rejeite qualquer discurso de teor dominante ou ideologias que contribuam para a concretização de pensamentos como os do filósofo grego. Assim, é possível desestruturarmos os discursos machistas que ainda estão presentes na contemporaneidade e, mais especificamente, em nossa sociedade.

Obviamente, quanto mais próximos estamos da contemporaneidade, menos força terão os pressupostos e estereótipos que estigmatizam não só as mulheres, mas os **homens**, os negros, homossexuais, entre outras pessoas que não se enquadram nas condutas esperadas por uma sociedade de caráter burguês, elitista e patriarcal.

Dessa maneira, é necessário desconstruir e superar os diferentes estereótipos que cercam a forma de conceber e viver o gênero e a sexualidade. Compreendendo, na esteira de Beauvoir, que não nascemos homens e mulheres, mas sim nos tornamos homens e mulheres, é possível questionar a ideia de mulher como “deficiência da natureza” ou “um homem incompleto”. Ao contrário disso, dadas as condições para tal, ela é capaz de exercer papéis sociais semelhantes aos dos homens, afastando, assim, as diferenças biológicas como pauta central das determinações do gênero.

4. A obsessão masculina em ‘apanhar’ a mulher desejada

A temática da violência contra a mulher também ganha destaque na literatura, sobretudo nas escritas de autoria feminina. Estas produzem representações a partir das quais é possível depreender os efeitos de uma sociedade injusta e discriminatória, ao mesmo tempo em que há também a luta e a resistência feminina contra o poder dominante. As narrativas enfatizam, além da violência contra as mulheres, à luta delas para sobreviverem à opressão nos espaços públicos, e também no âmbito privado, traduzida no ciúme, no assédio, no estupro e no feminicídio. Nesse contexto, embrenha-nos na representatividade da violência contra a mulher o conto *Modo de apanhar pássaros à mão*, publicado em 2006, em livro de mesmo nome.

Santista radicada na Paraíba, Maria Valéria Rezende é escritora, freira moderna e dedica sua vida à educação popular e às práticas de militância contra as desigualdades e as injustiças sociais. A escritora atravessou períodos significativos na luta feminista e atualmente vem ganhando espaço na literatura contemporânea por meio de premiações renomadas como o prêmio Jabuti com as obras *Quarenta Dias*, em 2015, e *Outros Cantos*, publicado pela

Alfaguara em 2016. Com isso, a obra de Rezende vem atraindo a atenção do público, tendo em vista a qualidade estética de suas publicações, aliada a uma interpretação crítica da realidade, da qual destacamos a representação contundente da temática feminina, pela qual a autora dá voz e preferência a personagens que estão à margem de uma sociedade capitalista e preconceituosa.

Elódia Xavier ao iniciar seu livro *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*, afirma que:

A leitura de grande parte das narrativas de autoria feminina, produzidas de 1960 para cá, revela, entre outras coisas, características comuns, que, de forma alguma, anulam a originalidade artística de cada uma. A condição da mulher, vívida e transfigurada esteticamente, é um elemento estruturante nesses textos; não se trata de um simples tema literário, mas da substância mesma de que se nutre a narrativa. A representação do mundo é feita a partir da ótica feminina, portanto, de uma perspectiva diferente (para não dizer marginal), com relação aos textos de autoria masculina. (1991, p. 11)

Diante dessa acepção, notamos que Maria Valéria Rezende não traz a questão da mulher apenas como tema sobre o qual um olhar de fora tece considerações. Nela, a condição feminina formata a perspectiva que compreende e organiza o universo narrativo, tornando-se, assim, elemento interno da obra, tal como explica Cândido (2000), no livro “Literatura e sociedade”. Oliveira e Melo (2016, p.3) afirmam que “a obra da escritora, dentre tantas peculiaridades, apresenta o fato de a maioria de suas personagens femininas viver sobre a imposição dos dizeres do patriarcado. São impossibilitadas de ditar e viver sua própria história. Há, portanto, a submissão do feminino mediante ao masculino”.

Deste modo, analisamos o conto “Modo de apanhar pássaros a mão”, buscando perceber a violência de gênero contra a personagem Íbis, vítima da subjugação e obsessão de um homem. Em linhas gerais, a narrativa centra-se na história de um fotógrafo (narrador-protagonista) que conta sua obsessão e perseguição por uma modelo identificada por Íbis. É importante ressaltar que, durante a narrativa, Íbis parece não se dar conta de que está sendo perseguida pelo fotógrafo, bem como do perigo que corria. Por trabalharem no mesmo ambiente, o fotógrafo sempre estava à volta dela, centrando-a em tudo e em todos, alimentando, assim, um voraz sentimento por ela. No entanto, Íbis sempre se mostrou indiferente, desdenhando quaisquer aproximações. Inconformado, o homem utiliza-se de uma receita para apanhar pássaros à mão do século XVIII, que encontra por acaso num livro de família, no sentido de pôr em prática seu plano de possuir Íbis. Fazendo uso de sua

“generosidade” o fotógrafo distribuiu estrategicamente bombons tóxicos à Íbis, entorpecendo-a para, assim, realizar o abuso.

Como especificidade do gênero, o conto se caracteriza por “condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens” (GANCHO, 199, p. 6). O conto “Modo de apanhar pássaros à mão” não foge das expectativas próprias do gênero, possuindo apenas duas personagens, que se movimentam num determinado espaço e tempo. Assim, Maria Valéria Rezende constrói sua narrativa através de um recorte temporal, centrando-se em uma ordem não linear.

Neste conto, podemos alegar que a narrativa se inicia no clímax, pois Íbis já se encontra totalmente desacordada e à mercê do fotógrafo, que só aguarda o que considera o momento perfeito para concretizar o estupro. É o que verificamos nas primeiras palavras do narrador-protagonista:

Agora Íbis está aqui secretamente entregue totalmente entregue na minha cama com uma noite quase inteira pela frente e sem nenhuma possibilidade de que alguém interfira no curso natural das coisas será tudo como sonhei desde que esse desejo tornou-se o único afastando qualquer outra fantasia qualquer outro querer desde vi Íbis pela primeira vez e minha mão se estende leve e firme ajeita melhor com um ligeiro toque uma das dobras do lençol de seda encobre revelando esta esplêndida nudez foi preciso ajudá-la a despir-se estava um pouco tonta mas ela consentiu claramente consentiu queria também foi a bênção a consagração esse consentimento o desejo dela a entrega porque eu não quero só o corpo só a luz a cor a maciez o calor do corpo quero a alma de Íbis a alma que se entrevê agora que ela entreabre os olhos e sorri os não! (REZENDE, 2006, p. 36)

Partindo desse recorte do texto, já se pode notar claramente que Íbis está sendo vítima de violência sexual, já que ela está “secretamente entregue totalmente entregue”. Ora, o termo “secretamente” usado pelo narrador, a partir de uma definição dicionarizada, indica que algo está em sigilo, oculto, escondido. Portanto, é possível estabelecermos uma correlação do termo “secretamente entregue” com o crime sexual que está sendo praticado pelo fotógrafo, que, para cometê-lo, precisa de sigilo e cuidado para que ninguém o impedisse de realizar seu intento.

Fica claro ainda que o querer do protagonista em relação à moça é abusivo quando depreendemos da narrativa que ele lhe dera algo entorpecente com o intuito de fazê-la ficar vulnerável e, desse modo, facilitar a execução de seu ato de violência contra a personagem. De fato, Íbis perde sua lucidez ficando, inclusive, incapacitada de retirar suas roupas. Partindo dessas observações, podemos focar em uma análise mais apurada, afirmando que Íbis está completamente absorvida às mãos do fotógrafo.

Outro fato significativo a ressaltar é o espaço onde Íbis está situada, pois o narrador-protagonista afirma que “*Íbis está aqui secretamente entregue totalmente entregue na minha cama*” (REZENDE, 2006, p. 36), fomentando, assim, um ambiente propício para abrigar suas ações libidinosas. Para Gancho (1991, p.16), o espaço “tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens”. Com isso, o protagonista apresenta por meio do leito um cenário favorável para desempenhar suas ações de molestador. Neste contexto, compreendemos que as atitudes do fotógrafo, por sua vez, divulgam a representatividade daquilo que o Código Penal Brasileiro chamará, no Art. 217-A, de Estupro Vulnerável⁷.

Apesar da consciência sobre Íbis esta sendo vítima de uma estratégia abusiva, o fotógrafo busca justificar seu ato através de uma repetição cínica de que “*ela consentiu claramente consentiu queria também foi a bênção a consagração esse consentimento o desejo dela a entregue*” (REZENDE, 2008, p. 36). Numa tentativa vã de justificar o injustificável, busca, através da linguagem seu desejo de verdade, expressando sua petulância na repetição do verbo “consentiu” para, assim, se convencer que a vontade desse desejo era recíproca. Contudo, é importante ressaltar que o conto é narrado em primeira pessoa, ou seja, narrado pelo ponto de vista do fotógrafo. Sobre esse elemento da narrativa, Leite (1985, p. 43) alega que narrador-protagonista “não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos”. Assim, compreendemos que o protagonista camufla, de maneira estratégica, sua dissimulada hostilidade contra ela, desculpando seu ato e exorcizando quaisquer tipos de sentimento de culpabilização, já que houve a “aceitação” de Íbis, no entanto, ao longo dessa análise perceberemos que não houve a aceitação dela.

No decorrer da narrativa, observamos outro elemento importante para entendermos a agressão sexual sofrida por Íbis, pois o fotógrafo profere que o trajeto para trazê-la a sua cama foi “difícil e perigoso” (REZENDE, 2006, p, 37). Fica evidente, neste trecho, que o

⁷ Trata-se da Lei nº 12.015, art. 217-A/ 2009. Compreende por Estupro Vulnerável no § 1º Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

personagem age premeditadamente, visto que, se trata de um crime, portanto, requer cuidados e prudência, para poder alcançar seu intento.

Mais adiante, a narrativa revela as estratégias adotadas pelo fotógrafo para possuir Íbis e o fracasso de todas elas:

Andava derrubando tudo à minha volta capricho da sorte estava escrito nas estrelas um dia desses derrubei uns livros velhos relíquias de família que nunca havia lido e conservava só como decoração abaixei-me para recolhê-los dei como os olhos numa página aberta *Modo de se apanhar pássaros com as mãos* pássaros íbis pássaros o livro era do século XVIII a linguagem estranha mas a idéia era clara a receita era simples trigo embebido em aguardente e coca-do-levante o pássaro comia tonteava e se deixava apanhar facilmente trigo não era o caso seria melhor bombons de chocolate ela adorava chocolate um licor fino no lugar da aguardente. (REZENDE, 2006, p. 39)

O trecho acima revela a contundente solução para seu problema. Transtornado e desvairado por uma paixão e sem reciprocidade, o protagonista utiliza-se da receita de um manual do século XVIII para adaptá-la no seu plano contra *Íbis* e pôr em prática suas estratégias tanto de cunho sexual quanto misógino. No entanto, os elementos que compõem a receita (trigo, aguardente e coca-do-levante) não são encontrados. Desesperado decide substituí-los *apesar dos riscos havia de ser algo raro especial e garantidamente eficaz revi minhas pesquisas e escolhi o absinto Artemisia absinthium proibido atraente inebriante* (REZENDE, 2006, p. 40)

Ademais, percebemos a proporção que esta obsessão tornou, pois o fotógrafo tem conhecimento da intoxicação da substância, mas ainda assim prosseguiu com a receita para apanhar Íbis em suas mãos. É importante ressaltar ainda a descrição que o narrador-protagonista atribui à substância, colorindo-a de termos com conotação erótica, como podemos observar no trecho que segue: *proibida atraente inebriante de saber capcioso então foi fácil muito mais do que eu imaginara achar o contrabandista a bebida verde bela romântica meio assustadora*. (REZENDE, 2006, p. 40). Assim, compreendemos a caracterização da substância, de forma alusiva, a Íbis, pois a rejeição por parte da modelo tornou-a proibida e concomitantemente atraente para o fotógrafo.

Contudo, antes da execução do seu plano, o fotógrafo sentiu que daria certo, pois “*es*ta_{va} *es*cri_{to} nas *es*tre_{las}”. Com essa expressão, repetida várias vezes durante a narrativa, o narrador-protagonista conta como se estivesse cantando, já que o trecho recupera um verso de

uma famosa canção da década de 80⁸, com o fim de dar à violência, que está prestes a ser cometida, um caráter fatalista.

Não conseguindo avançar na tentativa de aproximar-se da modelo, o protagonista usa, então, a enganação (envenenar bombons de chocolate e oferecê-los a Íbis) e a força (violentá-la sexualmente, enquanto está desacordada) como expedientes, para submeter à vontade da modelo ao seu desejo. Dessa maneira, o fotógrafo persuadiu Íbis a comer setes bombons intoxicados pelo absinto, provocando a total incapacidade e efeito narcótico na modelo. Com isso, a imobilidade de Íbis permite ao fotógrafo aproveitar-se dela, satisfazendo seu desejo erótico. No momento em que possui Íbis, o fotógrafo a contempla e afirma que ela é só dele. Ao fim, com um olhar obcecado, ergue um *canhão negro* contra Íbis, que “*apenas estremece e volta logo à posição de repouso e abandono perfeição perfeição!*”.

Este desfecho retrata bem a problemática que vive algumas mulheres, em suas relações pessoais, tendo em vista que muitos são os homens que, rejeitados, preferem agredir ou matar para seguir em frente. O exemplo disso é a violência do fotógrafo contra Íbis que se transforma no mesmo interlúdio de amor e rejeição, destruindo inescrupulosamente a vida de Íbis como punição por tê-lo rejeitado.

Neste conto, o assédio sexual, o estupro e o feminicídio demonstram como a obsessão de um homem, elimina e extermina a liberdade de uma mulher independente. A metáfora “modo de apanhar pássaros á mão” remete Íbis a uma presa que foi apanhada para ser estuprada e assassinada por um homem que a desejou, mas não teve o consentimento da mulher desejada e o crime premeditado pode ser entendido como um código de honra. Em consonância a esta suposição, Machado (2006, p. 14 *apud* GOMES, 2015, p. 159) afirma que “a atmosfera absurda do crime premeditado remete a uma a sociedade de regras aviltantes quanto aos direitos da mulher”.

Dessa forma, podemos constatar que todas as ações, desde o começo desta narrativa até a revelação final da estratégia do “apanhar o pássaro com a mão” adaptada à Íbis, denotam a representação de estigmas e estereótipos que consideram que a mulher deve sempre estar em função do homem para agradar suas vontades libidinosas, mesmo que, para isso, sejam violados os direitos e as vontades delas. Por esta razão que os casos de violência e estupro contra as mulheres apresentam números alarmantes, uma vez que a violência:

⁷ Trata-se da música “Escrito nas estrelas”, composta por Arnaldo Black, de 1985, que ficou conhecida na voz da cantora Tetê Espíndola.

Sem limites, sem horizontes, tudo é possível no ódio que impele os homens a atacar as mulheres, meninas e crianças, para penetrá-las com seu sexo e mostrar assim como são poderosos e viris. Seres desprezíveis e repugnantes, os estupradores são, porém, uma das faces do patriarcado, uma de suas garantias da domesticação e submissão das mulheres pelo medo. (SWAIN, 2014, p. 45)

Com isso, compreendemos que as ações operadas pelo fotógrafo são fruto das prescrições patriarcais que perpetuam em nossa sociedade. De fato, os meninos, desde cedo, são cobrados por seus pais, pelas escolas e pelas mídias de massa a praticarem atos de ‘coragem’ e ‘bravura’. Realmente, mostrar que são capazes de cometer atos violentos para comprovar sua masculinidade “se torna um recurso social” (CONNELL & PEARSE, 2015, p. 35). Decerto, os meninos são socialmente educados para serem viris e implacáveis, já que são cultuados para usufruírem o poder, a dominação e estimulados a serem agressivos. Em anuência a isto Connell & Pearse (2015, p 35) afirmam que “os homens estão desproporcionalmente envolvidos em situações de violência parcialmente porque são preparados para isso”.

Constatamos, então, que a conduta violenta do fotógrafo contra Íbis é compreendida, numa perspectiva misógina, como mérito honroso, traduzindo os sentimentos de posse sobre a modelo. Com efeito, o homem compreende a mulher como seu objeto de desejo que pode possuir. Na análise de Bourdieu (2002, p. 29-30), “o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse”.

Todavia, Íbis mostra sua indiferença para com o fotógrafo em vários momentos do conto. São eles:

Mas era uma via de mão única porque ela jamais me via ignorava absolutamente o homem escondido atrás daqueles vidros [...] qualquer tentativa de aproximação de apresentar-me falar-lhe de alguma coisa ela simplesmente rodopiava nos saltos altíssimos virava as costas e tomava outro rumo deixando-me plantado com a mão detida no ar o gesto interrompido a boca aberta [...] sofrer ainda mais tendo-a ali parecendo tão perto mas de fato distante e surda como uma galáxia distraída olhando através de mim como se eu fosse uma lâmina de vidro mudando de assunto dirigindo-se a outra pessoa qualquer assim que eu tirava os óculos e balbuciava as três primeiras palavras. (REZENDE, 2006, p. 36-38)

No primeiro, percebemos que fica evidente que Íbis não consentiu nenhuma possibilidade afetiva com o fotógrafo. Pelo contrário, ela sempre “ignorava”. (REZENDE, 2006, p. 37). Mais do que isso, Íbis “*simplesmente rodopiava nos saltos altíssimos virava as costas e tomava outro rumo deixando-me plantado com a mão detida no ar o gesto interrompido a boca aberta a palavra truncada humilhado inexistente uma coisinha qualquer*”. (REZENDE, 2006, p. 38). Nestes trechos, é evidente que o fotógrafo desempenha

um papel de acusador, censurando as atitudes da modelo por não o notar e querer sua companhia. Na voz do narrador, percebemos toda uma cultura e discursos patriarcais, os quais sempre visam manter a subjugação feminina à dominação dos homens.

Em todos os fragmentos, percebemos a rejeição de Íbis, recusando todas as tentativas de aproximação, expressa através de suas ações. No entanto, a insistência do protagonista revela um atributo peculiar que se tornou inerente a alguns homens que é a dificuldade de suportar ou aceitar uma rejeição, tornando-a um desejo voraz de ter o outro em si. Em consonância isto, Nolasco (1993, p. 113) preconiza que

em raros momentos de lucidez, o apaixonado sabe que sua empreitada caminha para o fracasso. Mas para ele isso é o que menos importa, o que de fato se impõe é que cada gesto é uma arma de sedução, que alimenta um jogo no qual o corpo se transforma em um lugar onde se busca a materialidade do impossível.

Isso justifica o fascínio do fotógrafo desde o início do conto por Íbis, pois foram inúmeras tentativas de aproximação para conquistá-la, uma vez que revigora uma paixão platônica, alterando, literalmente, sua conduta física e emocional. Ao avançarmos a leitura da narrativa, percebemos mais uma vez a incompatibilidade desse sentimento na terceira tentativa do fotógrafo para conquistar Íbis

Uma amiga dela me pediu um favor e pus como condição que ela me apresentasse a Íbis a promessa cumpriu-se mas eu adquiri apenas o direito de sentar-me à mesma mesa que ela de dizer-lhe “ Oi, Íbis” ouvir uma resposta maquinal “Oi, meu querido, você por aqui...” sofrer ainda mais tendo-a ali parecendo tão perto mas de fato distante e surda como uma galáxia distraída olhando através de mim como se eu fosse uma lâmina de vidro mudando de assunto dirigindo-se a outra pessoa qualquer assim que eu tirava os óculos e balbuciava as três primeiras palavras desesperado pensando em cometer um desatino pôr fim àquilo tudo estava perdendo a agudeza do olhar a firmeza das mãos o controle da respiração andava derrubando .
(REZENDE, 2006, p.39)

Analisando esse terceiro momento, que reconstitui para o leitor o drama no qual vive o protagonista, fica fácil perceber nas palavras de Íbis a sua indiferença e seu desprezo ao mostrar seus gestos de distração e distanciamento. Por outro lado, podemos compreender a conduta de Íbis como uma resistência, uma vez que as mulheres possuem o livre arbítrio para escolher com quem querem se relacionar. Vale ressaltar, que no contexto da construção da personalidade de Íbis observamos uma mulher independente para a qual ascensão profissional pode ser mais importante do que um relacionamento.

Portanto, percebemos que a resistência de Íbis para demonstrar que não está a fim do fotógrafo, sucede de maneira enfática a díade desejo-posses. Assim, compreendemos que as vontades do fotógrafo não é meramente o sentimento de ser recusado e querer acreditar no

possível consentimento de Íbis, mas, sobretudo, na certeza que pode subjugar o corpo dela para satisfazer seu desejo, e, por isso, nega veementemente a indiferença da moça, desrespeitando-a para realizar suas próprias vontades.

A impossibilidade de envolvimento é algo comprovado por parte de Íbis, porém o protagonista “quer a todo custo” seu objeto de prazer, apresentando uma intensiva obsessão por ela. Desse modo, o fotógrafo executa uma longa perseguição, movido por um desejo doentio: *a vi pela primeira vez através das minhas grossas lentes foi como atingir um ponto de não-retorno a partir do qual eu minha vida e o universo tornam-nos inteiramente outros centrados em Íbis no fascínio na saudade no desejo* (REZENDE, 2006, p. 37). Fica claro, neste fragmento, que o protagonista já demonstra seu intenso desejo por Íbis.

Contudo, ao longo da narrativa, o protagonista tenta demonstrar também seus sofrimentos amorosos, na tentativa de, talvez, obter a simpatia do leitor. Sendo assim, o fotógrafo se mostra melancólico, como também obsessivo para desfrutar esse desejo:

Eu tinha a certeza de que se pudesse falar-lhe ao pé do ouvido olhos nos olhos sem as lentes pelo meio dar-me a conhecer e ao meu desejo revelar-lhe minha obsessão tinha certeza de que ela me aceitaria que viria que me deixaria amá-la a meu modo porque meu modo é único criativo total ela o saberia reconhecer mas jamais conseguia dizer-lhe sequer uma palavra a qualquer tentativa de aproximação de apresentar-me falar-lhe de alguma coisa. (REZENDE, 2006, p. 37-38).

Vemos que o próprio narrador-protagonista afirma sua obsessão, mostrando-se um homem possessivo que precisa possuir o corpo daquela mulher para manter sua honra e sua masculinidade. Para Bourdieu (2002, p. 20, a virilidade é uma “questão de honra (*nif*), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual [...] que são esperadas de um homem que seja realmente um homem”.

Essa obsessão desenfreada do fotógrafo por Íbis mostra a representação clara do assédio sexual, pois Íbis sempre se mostrou indiferente. Isso fica mais visível quando Íbis está inconsciente por efeito do absinto na cama do fotógrafo e passa a ser abusada por ele. Portanto, a obsessão desse homem que resulta em tais atos pode ser compreendida, segundo Swain (2015, p. 46), como estupro, pois “é um ato de posse, de apropriação; e a excitação/ereção é garantida pela própria violência. O estupro e a violência centrados no sexo exprimem o temor da quebra do contrato sexual [...] um contrato simbólico, que garante aos homens, enquanto machos, a apropriação social e individual das mulheres”.

Nos trechos finais do conto, após o abuso sexual, o fotógrafo espera que os primeiros raios de sol resplandessem no quarto e permitissem que fizesse um registro digno de uma admirável fotografia, para assim revelar a alma da modelo. Com isso, percebemos a chocante crueldade masculina que é representada nesta narrativa, pois Íbis é vítima de estupro, sucedendo no feminicídio, visto como o fotógrafo não queria só o corpo, mas a alma da modelo. Dessa forma, compreendemos o desfecho como um feminicídio motivado pela obsessão masculina. Debora Diniz (2014, p. 16) entende o feminicídio como “um crime que descreverá os extremos da soberania do patriarcado pelo gesto da sexagem – homens como matadores e mulheres como vítimas –, mas também uma forma de realizar vidas que não são reconhecidas como vidas enlutáveis, pois inominadas”. Portanto, “é o patriarcado que a mata e ele mesmo que irá nominar seu feminicídio”.

Nisto compreendemos que as pulsões⁹ do fotógrafo foram construídas através de pares opostos, amalgamando todas suas ações. Em primeira instância, instiga a sua pulsão erótica com Íbis, isto é, pulsão de vida (Eros), uma vez que se refere à sobrevivência do indivíduo na busca por seu desejo. Com isso, a relação sexual com o Íbis é fundamental para formar as pulsões eróticas.

No entanto, a falta de reciprocidade desse desejo renascerá, no fotógrafo, suas satisfações efêmeras, isto é, as pulsões de morte que corresponde à destruição de Íbis, desfazendo o profundo desejo que ele revigorava por ela.

Diante disso, podemos constatar que o protagonista, desde o início da trama até o desfecho, se mostrou um ser calculista, pois tudo foi planejado detalhadamente, já que sua não afobação para esperar o momento perfeito revela, além da consumação do ato sexual, a destruição fatal da modelo. Com isso, demonstra o caráter frio deste homem, uma vez que, tudo foi feito conscientemente.

Além disso, a narrativa é marcada pelo registro da oralidade que está exposta na própria linguagem obsessiva do fotógrafo, tornando-a sem limites, fazendo com que consista em um relato cru e impressionante, que causa grande revolta, não só pelo que conta, mas, sobretudo, pela falta de empatia do narrador, ou melhor, pela incompreensão do seu ato como um crime.

⁸ Oferecendo esse contexto de paixão e ódio, podemos citar aquilo que Adauto Novaes (2009, p. 541) declara em suas pesquisas, afirmando que “a matéria-prima de que se originam as paixões são as *pulsões* em grandes vertentes: Eros (pulsões de vida) e Thanatos (pulsões de morte)”.

Dessa forma, o discurso narrativo revela o direito de esse homem realizar seus atos. Assim, o conto demonstra a ideologia do egoísmo masculino, pois não encontramos nenhum vestígio de remorso nem compaixão no ato, apenas a consumação de um suposto direito. É interessante destacar que no desfecho da narrativa, o fotógrafo cinicamente se mostra absolutamente feliz pelo seu ato: *dorme tranquila minha amada se queres o sono eterno que me retiro nas pontas dos pés deixo o caminho livre entreaberta a porta do estúdio e eu absolutamente feliz tranco-me na minha câmara escura para revelar a tua alma.* (REZENDE, 2006, p. 42). Tal felicidade pode ser compreendida como um sentimento de satisfação, a qual manteve, socialmente, a dignidade de sua honra, com a planejada punição fatal da modelo por tê-lo rejeitado. Gomes (2015, p.158) apresenta a “honra como um dos motivos do “feminicídio”, visto que “a construção hegemônica dos valores das mulheres e da disputa entre homens”. (MACHADO, 2006, p. 14). Além disso, é interessante observar que apenas nesse momento da narrativa, onde há pontuação, é demarcado o momento de extrema felicidade do fotógrafo em matar Íbis, eternizando-a e colocando um “ponto final” na história da modelo.

Com isso, compreendemos que os atos do fotógrafo são entendidos como algo natural e assimilado a um direito masculino. Por isso, Íbis é vista como um objeto de desejo para esse ele que usa do assédio sexual e da violência para estuprá-la. Para Virginie Despentes (2016, p. 26-27), os atos de estupro praticados por homens são camuflados através das nomeações, pois dão:

Outro nome à coisa, enfeita o ato fazer rodeios, mas sobretudo nunca usa a palavra para descrever o que fizeram. Eles “forçaram um pouco”, ela estava “muito bêbada” ou era uma ninfomaníaca que agia como se quisesse: mas aconteceu, foi porque no fundo houve o consentimento da moça. Mesmo que ele tenha precisado bater nela, ameaça-la, que tenham sido muitos para conseguir forçá-la e que ela chorasse antes, durante e depois, isso não muda nada: na maioria dos casos o estupro se arranja com sua consciência, afinal não houve estupro.

É por esta razão que a obsessão do agressor e o crime premeditado culpabiliza a vítima, afirmando que *ela consentiu claramente consentiu consentiu queria também foi a bênção a consagração esse consentimento o desejo dela a entrega* (REZENDE, 2006, p. 36) e descrevendo-a como “*disposta a ser olhada expondo-se exibindo-se fazendo pose*” (REZENDE, 2006, p. 37). Com isso, o fotógrafo tenta desmerecê-la, para deslocar seu ato da condição de crime e demonstrar que suas ações consistiram em uma construção simbólica nas relações de gênero, já que as punições podem se compreendidas, segundo Xavier (2007, p. 59), por “esquemas predeterminados, coercitivos e repressores”.

Diante disso, percebemos que a personagem feminina em “Modo de apanhar pássaros à mão” é construída diante de uma situação de assédio sexual, assim como, o estupro e o feminicídio, situações que refletem no cotidiano de muitas mulheres que são vítimas da subjugação masculina. Portanto, neste conto a representação da violência contra as mulheres é compreendida como confirmação de uma sociedade moldada pelos padrões patriarcais, os quais procuram o “controle e posse da mulher, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos” (MACHADO, 2010, p. 14 *apud* GOMES, 2015, p. 158), além de estabelecer estereótipos ao corpo da mulher.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, pudemos compreender como a personagem feminina, representada no conto que fora *corpus* deste artigo, é alvo de violências infinitas, por não ser suscetível a um relacionamento amoroso e sexual com o seu fotógrafo. Rezende, em sua narrativa, acentua como a sociedade contemporânea ainda está distante de construir relações em que haja igualdade de gênero. Constatamos que o personagem masculino analisado apresenta atributos que, para Nolasco (1993, p. 177), é o modelo de “indivíduos que assumem a perversão, o cinismo e a esperteza como indicadores de masculinidade”, uma vez que é um indivíduo de classe média. No entanto, suas atitudes constituem-se das mais diversas formas de violência contra o feminino.

Frente a isso, o conto “Modo de apanhar pássaros à mão” demonstrou que, mesmo com todas as discussões e conquistas da mulher nos últimos anos, a sociedade contemporânea ainda não é capaz de oferecer espaços e possibilidades que acolham diferentes maneiras de viver e relacionar-se, pois, diante de uma rejeição, ainda os homens tentam domar a vontade feminina com o uso da força.

Assim, a sociedade ainda insiste em estabelecer estereótipos que estigmatizam as mulheres e as estimulam a cumprir o papel de “cuidar e servir”. Porém, em alguns casos – como ocorre no conto trazido – quando as mulheres se tornam insubordinadas à vontade dos homens, têm suas vidas destruídas por eles.

Infelizmente, a misoginia não se limita às ficções. São recorrentes em nossa sociedade casos de assédio sexual, estupro e homicídios. Isso significa que o conto de Maria Valéria Rezende, ora analisado, é um exemplo de escrita que problematiza a subjugação do corpo da mulher, pois Íbis tem seu corpo violado por uma obsessão masculina. O fotógrafo admite sua

obsessão e, com um cinismo misógino, apresenta seu antídoto contra Íbis. Dessa forma, o estupro de Íbis é compreendido como uma punição para demonstrar a honra masculina. Com isso, compreendemos que a sociedade patriarcal continua impondo arquétipos e opróbrios ao corpo da mulher.

Contudo, a representação da violência contra as mulheres, que está posta na narrativa em apreço, propicia uma reflexão sobre a esta problemática que circunda nosso cotidiano, assim, a recorrência desta temática contribui para os estudos literários que embasam nas teorias de igualdade de gênero. Para Márcia Abreu (2006, p. 111) os estudos literários “pode favorecer o encontro com a alteridade (alteridade de temas, alteridade de modos de se expressar)”. Por isso, ao problematizarmos as questões de gênero em uma sociedade de perfil patriarcal, acreditamos estar contribuindo para desconstrução dos padrões estabelecidos. Destarte, nas palavras de Connel e Pearse (2015, p. 289) “a teoria de gênero e a pesquisa podem ter um papel significativo na construção de um mundo mais democrático”. Assim sendo, é necessário que as escritas de autoria feminina persistam nestas temáticas e continuem na busca em aproximar a literatura dos problemas vivenciados pelas mulheres. Deste modo, entendemos que a problematização das questões relacionadas ao gênero na/pela literatura colabora na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

THE WOMAN SUBJUGATION IN THE STORY “*MODO DE APANHAR PÁSSAROS À MÃO*”, BY MARIA VALÉRIA REZENDE

Caline Dantas da Silva Azevedo

ABSTRACT

In the last decades, women has been winning their independence and occupying a relevant role in public spaces . However, despite of some advances, the gender equality is still far from of being recognized in society, in which it is characterized by a complete antifeminism and symbolic, physical violence. The Literature is one of the spaces in which the gender relationships are represented and discussed in a critical way. From the concept of gender, (CONNEL & PEARSE, 2015; SCOTT, 1995; BEAUVOIR, 1970), as well as discussions on woman, feminism and literature, in order to understand the social constructions and the male domination (BOURDIEU, 2002), besides masculinity (NOLASCO, 1993), this work seeks to analyze the narrative discourse present in the female Brazilian literature, such as: “*Modo de Apanhar Pássaros à Mão*”, de Maria Valéria Rezende (2006), in order to show how it is related to the character, a kind of victim of an obsessive desire of the narrator . It is concluded by presenting the subjugation of Íbis from the photographer obsession, that impose assumptions and stereotypes that result in a rape.

Keywords: Gender representation. Violence. Contemporary story. Maria Valéria Rezende.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Unesp, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão. Européia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global**: compreendendo o gênero- da esfera pessoal à política- no mundo contemporâneo : São Paulo: Nversos, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, O eixo e a roda, v. 15, 2007. P. 1-169.
- DEBORA, Diniz. Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista. In.: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Orgs.). **Estudos Feministas e de Gênero**: Articulações e Perspectivas: Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 11-20.
- DESPENTES, Virginie. **Teoria king kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios)
- GOMES, Carlos Magno. A paródia da violência doméstica em Marina Colasanti. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (Orgs.). **Trajetórias de literatura e gênero**: Territórios reinventados. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 149.
- KEHL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 537-570.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

REZENDE, Maria Valéria. **Modo de apanhar pássaros à mão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

OLIVEIRA, Fernanda Karyne de. MELO, Bruno Santos. **O dilema de Zefinha**: a materialidade táctica da escrita no conto boas notícias. In: Flibo, 2016. Anais...Boqueirão: Trabalhos completos, 2016. p. 03-10.

SILVA, Antônio de Pádua Dias de. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: Eduepb, 2010.

----. “Reinvenção” da escrita do corpo *queer* no cordel brasileiro e na dramaturgia de Bernardo Santareno. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). **Escritas sobre gênero e sexualidades**: São Paulo: Scortecci, 2015. p. 55-70.

SWAIN, Tania Navarro. Por falar em liberdade. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska (Orgs.). **Estudos Feministas e de Gênero**: Articulações e Perspectivas: Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 37-50.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

----**Tudo no feminino**: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

Anexo A- CONTO ANALISADO NO ARTIGO

MODO DE APANHAR

PÁSSAROS À MÃO

*“Deite-se meio quartilho de aguardente
Em dois quartilhos de trigo, juntem-se-lhe cinco
Gramas (noventa grãos) de coca-do-levante em pó,
Mexa-se tudo bem; passado um quarto de hora,
Tire-se o trigo e seque-se.
Para se apanharem os pássaros lance-se deste trigo,
Assim preparando, nos lugares onde passa ser comido
Por eles, que depois de o comerem cairão atordoados,
Dando assim lugar a serem apanhados à mão.”*

Jerónimo Cortês, Lunário Perpétuo.

Agora Íbis está aqui secretamente entregue totalmente entregue na minha cama com uma noite quase inteira pela frente e sem nenhuma possibilidade de que alguém interfira no curso natural das coisas será tudo como sonhei desde que esse desejo tornou-se o único afastando qualquer outra fantasia qualquer outro querer desde vi Íbis pela primeira vez e minha mão se estende leve e firme ajeita melhor com um ligeiro toque uma das dobras do lençol de seda encobre revelando esta esplêndida nudez foi preciso ajudá-la a despir-se estava um pouco tonta mas ela consentiu claramente consentiu consentiu queria também foi a bênção a consagração esse consentimento o desejo dela a entrega porque eu não quero só o corpo só a luz a cor a maciez o calor do corpo quero a alma de Íbis a alma que se entrevê agora que ela entreabre os olhos e sorri os não! Volto a sentar-me na poltrona imóvel meditativo não é a hora qualquer precipitação estragaria tudo tenho de conter-me não acender nenhuma lâmpada atenta e pacientemente contemplá-la oscilante entre a vigília e o sono a silhueta nítida recortada contra a janela baixa fracamente iluminada pela luz do poste que o teto branco rebate apenas o suficiente para que eu a possa vislumbrar não quero tentativas repetições nada de ensaios e erros há de ser um ato único perfeito absoluto coisa de mestre supremo que encontrou a musa definitiva quando tudo estiver exatamente como imaginei na hora certa por isso permaneço imóvel concentrado olhos fixos nela acompanhando as mínimas variações da luz que para outros olhos seriam imperceptíveis não me importa esperar o quanto for preciso a

aquiescência dela afinal abençoou o difícil e perigoso caminho que tive de tomar para trazê-la até aqui respiro fundo calmo e seguro de mim meu verdadeiro eu reemergindo do caos sentimental em que quase soçobrou nos últimos tempos.

Vê-la como a vi pela primeira vez através das minhas grossas lentes foi como atingir um ponto de não-retorno a partir do qual eu minha vida e o universo tornam-nos inteiramente outros centrados em Íbis no fascínio na saudade no desejo na imagem de Íbis vê-la podia à vontade até por necessidade profissional estava sempre à volta dela e ela sempre disposta a ser olhada expondo-se exibindo-se fazendo pose mas era uma via de mão única porque ela jamais me via ignorava absolutamente o homem escondido atrás daqueles vidros eu tinha a certeza de que se pudesse falar-lhe ao pé do ouvido olhos nos olhos sem as lentes pelo meio dar-me a conhecer e ao meu desejo revelar-lhe minha obsessão tinha certeza de que ela me aceitaria que viria que me deixaria amá-la a meu modo porque meu modo é único criativo total ela o saberia reconhecer mas jamais conseguia dizer-lhe sequer uma palavra a qualquer tentativa de aproximação de apresentar-me falar-lhe de alguma coisa ela simplesmente rodopiava nos saltos altíssimos virava as costas e tomava outro rumo deixando-me plantado com a mão detida no ar o gesto interrompido a boca aberta a palavra truncada humilhado inexistente uma coisinha qualquer um nada meses foram meses disso mais do que qualquer ser humano comum poderia aguentar um martírio uma tortura um ordálio ao qual porém a paixão resistiu inquebrantável dizer-lhe tudo passou a ser meu objetivo permanente tentei todos os modos de conseguir atenção vestir-me espalhafatosamente atirar-me feito doido no caminho dela quase a derrubando ao chão simulando desmaios no final da passarela por onde ela vinha desfilando e outros muitos gestos tresloucados e inúteis e pensei que a direção dos ventos do destino tinha mudado quando uma amiga dela me pediu um favor e pus como condição que ela me apresentasse a Íbis a promessa cumpriu-se mas eu adquiri apenas o direito de sentar-me à mesma mesa que ela de dizer-lhe “ Oi, Íbis” ouvir uma resposta maquinal “Oi, meu querido, você por aqui...” sofrer ainda mais tendo-a ali parecendo tão perto mas de fato distante e surda como uma galáxia distraída olhando através de mim como se eu fosse uma lâmina de vidro mudando de assunto dirigindo-se a outra pessoa qualquer assim que eu tirava os óculos e balbuciava as três primeiras palavras desesperado pensando em cometer um desatino pôr fim àquilo tudo estava perdendo a agudeza do olhar a firmeza das mãos o controle da respiração andava derrubando tudo à minha volta capricho da sorte estava escrito nas estrelas um dia desses derrubei uns livros velhos relíquias de família que nunca havia lido e conservava só como decoração abaixei-me para recolhê-los dei como os olhos numa página aberta *Modo de se apanhar pássaros com as mãos* pássaros íbis pássaros o livro era do século XVIII a linguagem estranha mas a idéia era clara a receita era simples trigo embebido em aguardente e coca-do-levante o pássaro comia tonteava e se deixava apanhar facilmente trigo não era o caso seria melhor bombons de chocolate ela adorava chocolate um licor fino no lugar da aguardente mas coca-do-levante? O que era coca-do-levante? devia ser o ingrediente fundamental e se não fazia mal aos pássaros era certo que não faria mal a Íbis a prudência mandava ater-me à tal coca-do-levante levante? Oriente sol nascente não podia ser a outra coca que era sem dúvida do ocidente ou de pra cá do ocidente sei lá impossível porém achar aquilo revirei dicionários e enciclopédias fui à botica Ao Veado de Ouro aos herbanários da praça João Mendes aos laboratórios de botânica e farmacologia da USP ao Instituto Butantã ai

que longo périplo de amor *labour of love* desencantei na Biblioteca Municipal todos os velhos tratados sobre narcóticos e venenos sobre drogas das Índias e dos sertões a farmacopeia universal antiga e moderna e a única notícia que encontrei sobre a coca-do-levante foi de que respondia pelo doce nome de *Anamirta cocculus* de inevitável sugestão erótica e era nativa da Índia à Nova Guiné mas nada descobri sobre como encontrá-la em desespero de causa acabei por decidir-me a tentar outra coisa apesar dos riscos havia de ser algo raro especial e garantidamente eficaz revi minhas pesquisas e escolhi o absinto feito da bela *Artemisia absinthium* proibida atraente inebriante de saber capcioso então foi fácil fácil muito mais do que eu imaginara achar o contrabandista a bebida verde bela romântica meio assustadora descobrir Dona Maria das Dores que sabia fazer bombons finíssimos e exigiu chocolate da melhor qualidade fez centenas deles perfeitamente acondicionados em caixas elegantes mais fácil eu em transe numa noite com medo e exaltação paciência concentração e uma seringa de injeção enchê-los todos de absinto *labour of love* prova-los um dois três amargor e doçura delícia cruz e delícia *croce e delizia* sentir-me tranquilo e generoso tonto e lúcido e tudo à minha volta melhor mais bonito e levemente esverdeado tive certeza de que funcionaria estava escrito nas estrelas cantei cantei com aquela voz lá nas alturas... ^{es}ta^{va} ^{es}cri^{to} nas ^{es}tre^{as}... e daí em diante ainda mais fácil levar sempre algumas caixinhas de bombons na maleta que não largo nunca e distribuí-las estrategicamente onde poderiam ser comidos por ela e atocaiá-la pronto a apanhá-la com as mãos quando ela desarmada pelo absinto me ouvisse a confissão cedesse como eu sabia eu sabia que cederia ...^{es}ta^{va} ^{es}cri^{to} nas ^{es}tre^{as}... agora ela está aqui só para mim com a necessária dose de sete bombons seguidos para conseguir o efeito desejado que tardou tanto porque ela nunca passava de dois ou três com medo de engordar mas ...^{es}ta^{va} ^{es}cri^{to} nas ^{es}tre^{as}... agora ela está aqui e eu só espero o momento perfeito espero espero o tempo que for preciso um tempo imensurável de lentíssimas e gradativas mudanças na intensidade na direção nos matizes da luz espero espero e agora enfim vai acontecer acontece... ^{es}ta^{va} ^{es}cri^{to} nas ^{es}tre^{as}... o primeiro raio de sol enviesado penetra o quarto como uma flecha explode na parede lança de feéricos reflexos e sombras a mulher na cama minha inteiramente minha sem defesa inerme e bela inteira é agora tenso tenso agarro firmemente a máquina armo o bote aponto o canhão negro miro com precisão disparo Íbis apenas estremece e volta logo à posição de repouso e abandono perfeição perfeição! ...^{es}ta^{va} ^{es}cri^{to} nas ^{es}tre^{as}... dorme tranquila minha amada se queres o sono eterno que me retiro nas pontas dos pés deixo o caminho livre entreaberta a porta do estúdio e eu absolutamente feliz tranco-me na minha câmara escura para revelar a tua alma.